

Fé perceptiva, filosofia e ciência

Adilson Xavier da Silva *

Resumo: O objetivo de nosso artigo é compreender as noções de *fé perceptiva*, *filosofia* e *ciência* em *Le visible et l'invisible* (1964). Essas noções nos devem levar a um dos pontos fundamentais do pensamento merleau-pontyano, em que a interrogação ontológica parte essencialmente da fé perceptiva para chegar a uma ontologia da carne.

Palavras-chave: Ciência, Fé perceptiva, Filosofia, Merleau-Ponty, Ontologia

Abstract: The object of our article is to comprehend the articulation of the notions of perceptive faith, philosophy and science in *The visible and the invisible* (1964). These notions should us carry to one of the fundamental points of the Merleau-Ponty's thought, in which for ontological interrogation part essentially of the perceptive faith to arrive to an ontology of the flesh.

Keywords: Merleau-Ponty, Ontology, Perceptive Faith, Philosophy, Science

Introdução

Merleau-Ponty afirma que o mundo e o ser compartilham da mesma visibilidade, na qual há um vínculo da carne e da idéia, do visível e do invisível. Entre eles o que há é a sua profundidade, ou melhor, o que existe entre um e o outro é o testemunho de nosso Ser. Há, também, entre o visível e o invisível uma relação de reversibilidade, que não é somente asseverar que o invisível é um não-visível, porém que, é ausência. O invisível descreve para o mundo sua presença, ou seja, o invisível está de trás do visível, ele é a visibilidade iminente ou eminente; ele é uma presença originária, exatamente como aquilo que não pode apresentar-se originariamente, como outra dimensão, porque é na ausência ou lacuna que o invisível se mostra. Para Merleau-Ponty é necessário compreender que a visibilidade acolhe a invisibilidade, e que aquilo que vejo ou não vejo não implica que nada exista.

* Doutor em Filosofia pelo IFCS – UFRJ. Professor da Faculdade de Ciências Humanas de Pedro Leopoldo. *E-mail:* achavier@uai.com.br

Por isso, Merleau-Ponty inicia sua interrogação no *Le visible et l'invisible* (1964)¹ afirmando que o mundo é perfeitamente familiar a cada um de nós, porque o mundo é as coisas mesmas que vemos, e essa fé comum revela a nós uma “camada profunda de opiniões mudas, implícitas em nossa vida” (VI, p. 17). Através do mundo devemos compreender que a interrogação do homem ingênuo não é suficiente para abarcar as coisas, e é demasiado estranho que essa fé nas coisas e no mundo tenha como tarefa abranger a fé perceptiva, não só entre nós, entre as experiências do ver, do falar e do sentir, mas também como uma nova maneira de penetrar no Ser selvagem ou bruto. Sabemos que as experiências do ver, do sentir e do falar nos remetem para um labirinto de enigmas e contradições². Por meio delas é necessário fundar, criar novas definições nas quais o homem ingênuo não mais se reconhece no mundo. O mundo é impecavelmente íntimo entre nós, mas é difícil explicá-lo para nós mesmos ou para os outros. Cabe à filosofia descobrir novos caminhos e revelar os enigmas que a fé perceptiva carrega entre nós e o mundo, já que o mundo é o *que vemos* e, nesse sentido, temos que aprender a ver o mundo. Aprender significa, antes de qualquer coisa, que é preciso nivelar pela interrogação as dificuldades e contradições entre o ato de *ver*, de *falar* e de *sentir* o mundo. É necessário pronunciar sem medo o que é *nós*, pois, antes de tudo, nada sabemos sobre *ele*, e, deste devemos aprender tudo novamente.

Fé perceptiva, filosofia e ciência

¹ Nós utilizamos as seguintes abreviações das obras de Merleau-Ponty: *Le visible et l'invisible* (VI); *La structure du comportement* (SC); *Phénoménologie de la perception* (PhP); *Signes* (S); *Notes inédites de la Bibliothèque National* (NBN).

² Segundo Merleau-Ponty “toute l'énigme est dans le sensible, dans cette télé-vision qui nous fait au plus privé de notre vie simultanés avec les autres et avec le monde” (S, p. 31). É necessário compreender o sensível não somente como coisas, mas o sensível é, “c'est aussi tout ce qui s'y dessine, même en creux, tout ce qui y laisse sa trace, tout ce qui y figure, même à titre d'écart et comme une certaine absence” (S, p. 280).

A interrogação é um meio de instruir-se sobre o mundo que vemos, e assim a filosofia busca revelar as coisas mesmas no fundo de seu silêncio em que elas se expressam. Não podemos entender a filosofia como um mero léxico das coisas, ela não “procura substituto verbal para o mundo que vemos, não o transforma em coisa dita, ela não se instala na ordem do dito ou do escrito, como o lógico no enunciado, o poeta na palavra ou o músico na música” (VI, p. 18). A interrogação jamais será um começo de negação, de um *talvez* que é posto lado a lado do ser³. Para a filosofia, essa é o excepcional estilo de aderir, com a nossa visão de fato, e do mesmo modo, de retribuir aos paradoxos que a filosofia nos faz pensar, entre a coisa e o mundo. Esses enigmas concebidos comunicam um com o outro, em detalhes impossíveis; eles fervilham em verdades maciças para apreender o ser selvagem em seu estado nascente. Como por exemplo, quando vejo o computador em minha frente sei que minha visão acaba nele, que ele absorve e apreende “meu olhar com sua densidade insuperável” (VI, p. 19).

Assim, é certo também que eu, em frente ao computador, ao pensar na Igreja da Pampulha, não estou mais ali em meus pensamentos, mas na Igreja da Pampulha; e isso significa, que os “horizontes de todas essas visões ou quase-visões é o próprio mundo que habito, o mundo natural e o mundo histórico, com todos os traços humanos de que é feito” (VI, p. 19). A certeza dessas visões ou quase-visões de serem verdadeiras ou não é argüida com minha visão, através desse mundo natural e histórico do qual fazemos

³ A Filosofia é antes de tudo interrogação. A Filosofia é “aménagement, autour du ceci et du monde qui *est là*, d’un creux, d’un questionnement, où Ceci et monde doivent eux-mêmes dire ce qu’ils sont. Non pas comme recherche d’un invariant du langage, d’une essence lexicale, mais comme recherché d’une invariant du silence, de la structure” (VI, p. 314). Ou ainda, a interrogação “ne peut consister qu’à montrer comment le monde s’articule à partir d’un zero d’être qui n’est pas néant, c’est-à-dire à s’installer sur le bord de l’être, ni dans le pour Soi, ni dans l’en Soi, à la jointure, là où se croisent les multiples *entrées* du monde” (VI, p. 314). Para ter uma filosofia de múltiplas entradas, é necessário ter uma filosofia de uma só entrada: “le plusieurs ne sera vraiment un plusieurs que si chacune des ‘ouvertures’ s’apparaît comme la seule” (NBN, p. 55).

partes. Merleau-Ponty chama atenção dos seus leitores ao assegurar que não devemos pensar simplesmente nas teorias do sonho, do delírio ou das ilusões. Esse argumento sempre nos seduz a interrogar se aquilo que vemos é verdadeiro ou falso, já que não sabemos de fato o que é falso ou verdadeiro. Esse tipo de argumentação fundamentada nas teorias seculares do pensamento de sobrevôo permanece na mesma fé inabalável que temos diante do mundo, mas que, ao mesmo tempo, esses assuntos querem abalar.

Tal argumento, focalizado nesse prisma, busca o mundo total, o mundo verdadeiro, desprezando as nossas percepções. Estas percepções são misturadas aos nossos sonhos basicamente para desclassificá-las e disseminá-las sem rumo em nossa *vida interior*, para finalmente, revelá-las na sua falsidade. Esses argumentos, então, profundamente persuasivos, perdem a própria argumentação, ao perceberem que a “falsidade dos sonhos não pode ser estendida às percepções, pois aquela só aparece relativamente a estas, e que, para podermos falar de falsidade, é preciso termos experiências da verdade” (VI, p. 19). Portanto, uma argumentação desse tipo é adequada “contra a idéia de uma percepção que fosse surpreender as coisas além de qualquer experiência” (VI, p. 19), e para que, em certo sentido, abandonemos esses fantasmas que rondam em torno de nós, pois o sonho e a percepção, cada um à sua maneira, adquire seu valor ontológico, produzindo as diferenças de cada um, um lugar a ser compreendido no mundo sensível, através das experiências do ver, do falar ou do sentir, e não só lacuna secular que permanecem nas teorias salvadoras do pensamento de sobrevôo. O problema permanece em saber qual o enigma de nosso ingresso no mundo: da ilusão de ver o que não vemos, dos molambos do sonho frente ao sonhador, ou da busca da importância do tecido que cobre todo o sertão do mundo considerado verdadeiro. Nem um e nem outro. É preciso que o mundo percebido articule, através do encantamento, um lugar de referência sem sabermos ao certo este lugar. Não basta extrairmos-nos do mundo da percepção, isso não prova nada, “nem ainda que seja feito de textura diferente do sonho” (VI, p. 20); tendo em vista que as diferenças entre as argumentações não são absolutas,

devemos sim, juntá-las com nossas experiências para envolver o sentido da função ontológica.

Segundo Merleau-Ponty, os conceitos de sujeito e objeto, ser em si e vida interior não nos fazem vislumbrar todo o problema do mundo. Não nos satisfaz saber as razões que temos para duvidar da existência do mundo, seja por argumentos fundados no sonho, delírio, ilusões seja por contextos pirronianos, que, por si mesmos, “nos afastariam de toda elucidação, pois se referem vagamente à idéia de um Ser absolutamente em si e, por contraste, juntam confusamente o percebido e o imaginário como estados de consciência” (VI, p. 21). Os argumentos constituídos no pirronismo, no fundo, compartilham das ilusões do homem comum. E essa visão comum do homem ingênuo que “atassalha a si mesmo dentro da noite” (VI, p. 21), sem colocar em dúvida o problema do mundo.

O que nos preocupa, principalmente, é o sentido de ser do mundo, e não a idéia de um ser de representação, de um ser para a consciência e nem um ser para o homem, e sim, ver nossa experiência do mundo, fora dos preconceitos ontológicos, para pensar o ser-no-mundo e, justamente, ao pensá-lo, devemos novamente procurar revelar os enigmas do ser-mundo, o ser-coisa, o ser imaginário e o ser consciente na abertura do mundo sensível. Assim, o importante não é mais se perguntar se percebemos corretamente o mundo, uma vez que o mundo é o que percebemos, e não uma representação dele. De tal modo, o computador, diante de mim, sustenta uma certa relação especial com meus olhos e com o meu corpo. Só vejo o computador se ele estiver no raio de ação de meus olhos e do meu corpo; pois em frente a ele, “há a massa sombria de minha frente, em baixo, o contorno mais indeciso de minhas faces, ambos visíveis no limite, e capazes de escondê-las, como se minha própria visão do mundo se fizesse de certo ponto do mundo” (VI, p. 21-22). Para desvendar a essência do mundo não é preciso procurar o que o mundo é em idéia, uma vez que o abreviamos como tema de discurso. Assim, é necessário buscá-lo “de fato para nós antes de qualquer tematização” (PhP, p. X). Em vista disso, perceber é constituir pendências de sentido e níveis

dentro do universo de experiências em que as coisas se esboçam e passam a existir.

O mundo é um campo aberto e inacabado, uma impercepção de um fundo, horizonte sempre atual e presente sobre o qual desponta toda a empresa do homem. O mundo é, então, percebido e a percepção é uma visão verdadeira que dá lugar a uma série aberta de explorações concordantes. Compreender esse mundo é envolver os fantasmas que nos lançam nas aparências daquele, ou melhor, é “como se o acesso ao mundo não fosse senão o outro aspecto de um recuo, e esse recuo à margem do mundo, uma servidão e outra expressão de meu poder natural de entrar nele” (VI, p. 23). Porque o mundo é o que percebo e esse ato de perceber deve ser observado e expresso na sua proximidade absoluta, que transforma extraordinariamente em raio irremediável.

A relação aqui se dá entre as coisas e um corpo, jamais ela se dá pela consciência pura em analogia a objetos puros. O que temos é uma relação corpo-mundo. E essa é uma afinidade tão profundamente singular que meu corpo depende que eu permaneça na aparência ao chegar às coisas mesmas, seja através de um recuo à margem do mundo, de uma servidão ou de uma expressão de meu poder ingênuo de entrar no mundo. Ora, o homem ingênuo pensa que pode empunhar as “duas pontas da corrente” (VI, p. 23), ele crê que a “percepção adentra nas coisas e que se faz do lado de cá de meu corpo” (VI, p. 23). Mas, se na rotina da vida essas duas persuasões coexistem sem nenhum esforço, quando levadas ao nível de enunciados, destroem-se reciprocamente, e a nossa interrogação nos deixa embaraçados em frente a essas convicções.

É preciso afirmar que a percepção, como visão verdadeira, emerge no recanto de um corpo e não está em outra parte além desse corpo como coisa do mundo. O mundo é o ambiente não só de onde se fala das coisas, mas é, também, o lugar onde as articulam. A experiência mostra que o estar tomando o mundo, é reaprender a vê-lo, assim como o nosso corpo denota que há entre eles uma certa veracidade disseminada por todo nosso ser. O mundo só pode ser tomado pelo corpo. Isto significa que há uma abertura inicial ao

mundo, não como mundos privados, cada um com o seu mundo; mas que essa abertura partilha com os mundos possíveis, em seus confins e nos seus pólos exteriores, que não exclui uma possível ocultação; não só deve ser descoberta pelo questionamento da filosofia, mas do mesmo modo deve apontar essa abertura-ocultação.

A filosofia questiona a fé perceptiva, não como impossibilidade de entender esse mundo em que vivemos, mas de interrogar o mundo “antes que seja coisa de que se fale e antes que seja reduzido a um conjunto de significações manejáveis, disponíveis” (VI, p. 138). A filosofia deve desvelar a fé perceptiva que está em nossa vida muda como abertura ao mundo, desvelar o ser bruto ou selvagem enquanto questão mesma, que ela possa alcançar, por meio da linguagem em um uso que lhe possa igualar-se ao que ela quer dizer⁴. No fim das contas a filosofia é a “fé perceptiva interrogando-se sobre si mesma” (VI, p. 139) E não há uma resposta absoluta no sentido ordinário ou um desvendamento dessa resposta que satisfaça o mundo existente como uma forma de questionamento, porque toda *fé* é “possibilidade de dúvida e esse infatigável percurso das coisas, que é nossa vida, também é uma interrogação contínua” (VI, p. 140). O importante é perceber que não é só a filosofia que interroga as coisas, mas, no início, é o olhar, o sentir e o falar que questionam as coisas. É com o nosso corpo, nosso sentido, nosso olhar, nossa fala, que abrangemos as dimensões do Ser, e essas experiências são mensuradores para o Ser e não, simplesmente, uma mera relação de ajustamento ou de imanência. Por meio da articulação das coisas a filosofia revela, tanto a expressão, a percepção, o mundo da vida, quanto a sociedade ou a história, pois o ser a ser-visto exige de nós criação para que dele tenhamos experiência. A filosofia e a fé perceptiva são essa

⁴ A questão da linguagem é fundamental para compreender o mundo, a linguagem não mascara o mundo, não cria um vazio entre a fé perceptiva e a filosofia. A linguagem “loin qu’il détienne le secret de l’être du monde, le langage est lui-même un monde, lui-même un être, - un monde et un être à la seconde puissance, puisqu’il ne parle pas à vide, qu’il parle de l’être et du monde, et redouble donc leur énigme au lieu de la faire disparaître” (VI, p. 132).

articulação do mundo que representa em nós uma maneira de movermo-nos e de sabermos olhar à nossa volta.

É preciso regressar à fé perceptiva para desvelar as aporias do pensamento de sobrevôo, especialmente, quando acreditamos que a Filosofia funda-se sobre um saber, que à primeira vista, encobre sua situação de crise: crise do conhecimento, crise ética, crise social. Talvez, essa crise dada pela fé num mundo ou num sistema de fatos naturais pela percepção, incorpore todas as crises, de tal modo que até a percepção nos coloca e também nos inicia neles: não há um sistema ininterrupto. O que existe é a “tarefa de compreender se e em que sentido o que não é natureza forma um ‘mundo’ e, antes de tudo, o que é um mundo, e finalmente, se há mundo, e assim quais podem ser as relações entre o mundo visível e o mundo invisível” (VI, p. 47). Sabemos que entre o mundo visível e o mundo invisível há secretamente acoplado um universo contínuo da natureza, ou seja, o que devemos compreender, por mais difícil que ela seja, é indispensável sabermos mover no mundo e, ao mesmo tempo, saber que esse fazer não nos resguarda fora do mundo. Assim, a percepção nos dá a fé num mundo e o que podemos dizer é que o vínculo vivo que temos com a natureza não é, simplesmente, feito através dos estímulos, pelo contrário, meu corpo não é um puro objeto para abranger essa relação entre o mundo visível e o mundo invisível. Em face disso, a ocupação que importa ao filósofo é o “conjunto das questões onde aquele que questiona é, e!e próprio, posto em causa pela questão” (VI, p. 47).

Como compreender as antinomias da fé perceptiva, se elas pertencem às experiências do vivido ou do homem ingênuo, que por acepção é uma verdade não autêntica aos olhos da ciência⁵ ? Visto

⁵ Quando Merleau-Ponty afirma no *Le visible et l'invisible* (1964): a ciência supõe a fé perceptiva e não a esclarece, demonstra que a ciência cai num dogmatismo. Merleau-Ponty quer mostrar que a idéia mesma de verdade pela qual se refere a ciência é de origem sensível. Sobre esse tema conferir *Le visible et l'invisible* (1964), das páginas 31 a 48, e um belo texto de Maurice Rainville. *L'expérience et l'expression*. Montréal: Bellarmim, 1988. (ensaio sobre o pensamento de M. Merleau-Ponty).

que a ciência supõe a fé perceptiva e não a esclarece, será preciso perdê-las já que se confia que a ciência, como conhecimento rigoroso, surge para explicar, à sua maneira e de fora dessas experiências, aquilo que pertence ao verdadeiro. Para explicitar os fantasmas com que nos perturbamos, afirma Merleau-Ponty, é necessário que o verdadeiro, compreendido pela ciência, seja entendido não como coisa que vemos ou uma unidade do mundo sensível, mas simplesmente enquanto mundo inteligível, bem acima do que a ciência supõe. O verdadeiro, para a ciência, é o *objetivo* realizado pelas operações em busca de uma ordem de fatos. Assim, a ciência exclui aquilo que ela chama de subjetivo, para realizar em torno de si mesma um projeto imparcial que nos habita e nos faz acreditar num Grande objeto, capaz de edificar o mundo existente através de uma série indefinida de operações suas, pressupondo-as e sustentando-as, elas mesmas, e não acreditar nas obscuridades da fé, perceptiva ou ingênua, que temos do mundo.

A ciência, hoje, diante de dois séculos de objetivação⁶, é obrigada a reconhecer que há relações entre o observador e o observado e que a prática metódica permite unificar todas as perspectivas entre um e o outro, ou melhor, a certeza que temos de ter acesso às próprias coisas, recai num poder de sobrevôo absoluto, em que a ciência retoma sempre, não só em seu proveito, já que a operação pura é muito mais velha do que acreditamos que seja, mas também a ciência deseja um lugar acima do universo confuso do imediato ou do universo vivido. É preciso que a ciência redescubra, em última instância, o seu lugar na questão do ser⁷. O que o

⁶ Segundo Ronald Bonan, a idéia que Merleau-Ponty tem em relação a ciência e de suas condições de possibilidade repousa sobre a nossa inserção no mundo, sobre nossa abertura perceptiva sobre o sensível que faz de nós um campo, uma experiência: “nous sommes mieux à même de comprendre son allergie à l’égard d’une théorie si objectivité qu’elle aboutit à la négation de doute conaturalité du sensible et de l’intelligible, des choses et des idées que nous pouvons nous en faire” (Ronan, 69).

⁷ A união da ciência e da filosofia não é obtida pela explicação do postulado objetivista da ciência e nem pela delimitação da ambição filosófica. É necessário conduzir as diversas ciências para uma unidade de sua ilusão comum, que consiste

pensamento científico pode observar ou o que lhe dá sempre o que pensar é exatamente uma interrogação do mundo, como um músico ou um pintor falaria do mesmo mundo. Isso nos permite dizer que a fé perceptiva é exigida pelo pensamento científico, sem reivindicar um privilégio de objetivação absoluta. É claro, entre os que as conservam, enquanto um instrumento de interrogação do mundo. A ciência ambiciona dizer *o que é*, mas esquece de perguntar *o que há*, para definir o Ser pelo Ser-objeto. A ciência almeja, também, ultrapassar a fé perceptiva e o que é mais aspirado por ela é esquecer tal fé perceptiva. Mas, a ciência não suprime as contradições da fé perceptiva, não dissipa sua obscuridade, ela puramente a manipula, sem habitá-la.

É necessário, com efeito, exorcizar o pensamento da ciência⁸, para eliminar a convicção de que a ciência nos estimula a abordarmos o que é objetivo, e começar a pensar o invisível do mundo como uma coisa, e não uma fantasia do subjetivo. Há uma clivagem do subjetivo e do objetivo, pela qual a ciência define o seu domínio e essa clivagem está no interior de uma experiência total, na qual devemos restaurar o domínio da interrogação ontológica. Essa abertura, para uma experiência total, nos permite compreender a importância da fé perceptiva para entender o mundo em que vivemos. O mundo sobre o qual a fé perceptiva se abre, do campo dos horizontes e dos enigmas, não é uma região do mundo subjetivo dos atos espirituais. O campo dos horizontes é o campo da percepção, isto é, desde o início, é um mundo que está aí para desvelar as perspectivas da paisagem, da visão, do falar e do sentir.

em conhecer seu objeto de maneira puramente exterior, sem considerar que o observador tem um ponto de vista, que é totalmente separado do objeto observado. A ciência, vista pela crítica de Merleau-Ponty, simplesmente prolonga, assume e radicaliza o que os filósofos de René Descartes a Hegel fizeram, ao separar de maneira radical as diferenças que existem entre as várias doutrinas.

⁸ Merleau-Ponty sempre chamou atenção nos seus escritos essa necessidade de repensar a ciência: desde as primeiras páginas da *La structure du comportement* (1942), crítica da psicologia; até a crítica da ciência de *Le visible et l'invisible* (1964), passando pelos interessantes artigos sobre a Sociologia e a Antropologia escritos no *Signes* (1960).

Desde que a percepção deixe de ser uma ação do puro objeto físico sobre o corpo humano e o percebido, um resultado puramente dessa ação. Assim, talvez, a distinção entre o verdadeiro e o falso, entre o saber científico e os fantasmas que o rodeia; para as experiências, vão por terra abaixo. A percepção nos dá a fé num mundo e nesse sentido, acreditamos que a percepção incorpora todas as coisas, até a si mesma. As idéias de campo, tanto em relação às experiências transformam em ajustamento aquilo que estabelecemos com o mundo e com o homem, na fé perceptiva. Assim, é preciso, sempre voltar à fé perceptiva para poder elucidar os caminhos da ciência. A única atitude que convém ao pensamento científico consiste em tomar a fé perceptiva pelo que é, ou seja, como uma explicitação total do ser. Por que, em certo sentido, a ciência reencontra as mesmas interrogações do filósofo, tais como, *Onde estou? Quem sou? Que horas são?*, de sorte que não podemos, simplesmente, fechar os olhos perante essas questões fundamentais para o esclarecimento ontológico do pensamento merleau-pontyano.

A tarefa, sem dúvida, de entender em que sentido se forma um mundo, ou antes, o que é um mundo ou se há mundo é, antes de tudo, de compreender o vínculo entre o mundo visível e o mundo invisível. A nossa tarefa, no dizer de Merleau-Ponty, é nos libertar da confusão em que nos deixam a filosofia e a ciência quando manipulam a fé perceptiva, sem desvelar seus mistérios, ou seja, o pensamento científico e a filosofia clássica movem-se no mundo e o pressupõem em vez de tomar o mundo por tema fundamental. Esse trabalho não é estranho à ciência e à filosofia, como reflexão absoluta, pois não estamos fora do mundo. A Filosofia, como uma nova ontologia, não é ciência porque a ciência confia poder sobrevoar seu objeto de estudo, ela acredita revelar as correlações do saber e do ser⁹. Enquanto que a Filosofia é o “conjunto das questões em que aquele que questiona é, e!e próprio, posto em causa pela

⁹ Na *Phénoménologie de la perception* (1945), Merleau-Ponty afirma que não se estuda filosofia, mas a prática. “Il nous faut (...) non seulement pratiquer la philosophie, mais encore nous rendre compte de la transformation qu’elle entraîne avec elle dans le spectacle du monde et dans notre existence” (PhP, p. 75).

questão” (VI, p. 37).

É necessário fazer um julgamento rigoroso dessa nossa pertencença ao mundo, não meramente pelos métodos de *conhecimento* e de *prova*, já que eles concebem um pensamento alojado no mundo ou pelos conceitos de *objeto* e *sujeito*, já que nenhum e nem o outro “permitem compreender o que seja a fé perceptiva” (VI, p. 48). A fé perceptiva é exatamente uma *fé*, e sendo ela, *fé*, está além das provas, e atua como uma aderência tecida de uma certa incredulidade de sua certeza ou não, sendo, a cada momento advertida pela não-fé. A fé e a não-fé, a crença e a descrença encontram-se aqui “tão estreitamente ligadas que uma se encontra sempre na outra, e, em particular, um germe de não-verdade dentro da verdade” (VI, p. 48). Portanto, a certeza¹⁰ que tenho de estar mergulhado no mundo é dada pela experiência do ver, do sentir e do falar; pois através dessas experiências asseguro-me de um falso mundo de fantasmas, se o consentir errante, e conseqüentemente, acredito que vejo as próprias coisas. Quem sabe, essas experiências não vistas pelo pensamento de sobrevôo, nos instruem a nossa fé, nossa presença perceptiva do mundo, não puramente sobre a ótica do conceito positivo e negativo ou da crença e da descrença, como afirmação ou negação da mesma estrutura de que são feitas.

É necessário afirmar que nossas experiências estão do lado de cá da afirmação ou da simples negação, pois elas estão aquém de todo juízo; sejam, elas, opiniões críticas do discurso positivo e do negativo. Sabemos que nossas experiências são mais antigas do que qualquer juízo, além disso, é a “experiência de habitar o mundo por meio de nosso corpo” (VI, p. 48), que nos dá a segurança de ver e de compreender o sentido verdadeiro do mundo, já que, por abertura, ver e compreender são o mesmo, ou seja, *fé*. Por isso o mundo não está afastado da possessão que temos sobre o mundo, “sendo, ao

¹⁰ Como por exemplo: “Se cacher les yeux pour ne pas voir un danger, c’est, dit-on, ne pas croire aux choses, ne croire qu’au monde privé, mais c’est plutôt croire que ce qui est pour nous est absolument, qu’un monde que nous avons réussi à voir sans danger est sans danger” (VI, p. 48).

invés de afirmado, tomado como evidente, e ao invés de revelado, não dissimulado, não refutado” (VI, p. 49). Devemos compreender que o mundo é o lugar não só do qual se fala das coisas, mas é, o lugar onde as articulam.

Desse modo, o questionamento através da fé perceptiva mostra que o estar ocupando o mundo com nosso corpo é uma verdade difundida por todo nosso ser. E, portanto, é preciso uma abertura inicial ao mundo para envolver a possível ocultação das coisas, pois a tarefa da Filosofia é, sem dúvida, explicitar e apossar-se dessa abertura-ocultação. A Filosofia deve dizer “como há abertura sem que a ocultação do mundo seja excluída, e como, a cada instante, permanece possível, embora, sejamos naturalmente dotados de luz” (VI, p. 49). Ao filósofo cabe entender essas duas probabilidades, abertura e ocultação, que a fé perceptiva conserva em si mesma, sem anular nenhuma delas¹¹. Como compartilhar destes dois pontos de vista? Segundo Merleau-Ponty, é necessário que os arrastem “como estado de fato para reconstruí-los como possibilidades suas, a fim de apreender por si mesmo o que, em verdade, significam, o que o destina não só à percepção como aos fantasmas” (VI, p. 49); de outro modo, é imperativo que *reflexione*. Ora, nossa reflexão, enquanto reflexionamos não vai além do próprio mundo ou além do ser em si e do ser para os outros, mas, pela conversão reflexionante, abre-se uma terceira dimensão, na qual perceber e imaginar tornam-se duas possibilidades de pensar, desaparecendo, então, qualquer discordância entre eles. Esse interesse vivo, implícito, na fé perceptiva faz brotar o mundo como uma presença inalienável que guarda aquilo que vemos: a própria coisa.

Da experiência do ver e do sentir, compreendidas pela conversão reflexionante, guardamos apenas o puro pensamento do

¹¹ O filósofo não pode oscilar de uma para outra, “disant tour à tour que ma vision est à la chose même et que ma vision est mienne ou ‘en moi’. Il faut qu’il renonce à ces deux vues, qu’il s’abstienne aussi bien de l’une que de l’autre, qu’il en appelle d’elles-mêmes puisqu’elles sont impossibles dans leur littéralité, à lui-même, qui en est le titulaire et doit donc savoir ce qui les motive du dedans” (VI, p. 49).

ver e do sentir. Delinear esse pensamento é, para Merleau-Ponty, polir as estruturas contaminadas pela dicotomia entre sujeito e objeto. É, antes de tudo, mostrar que o pensamento do ver e do sentir é constituído duma “correlação rigorosa entre minha exploração do mundo e as respostas sensoriais que suscita” (VI, p. 50)¹². Deste modo, acreditamos que as antinomias da fé perceptiva serão eliminadas pela correlação entre minha posse do mundo e as respostas sensoriais que movem a minha crença no mundo e nas coisas, pois, percebemos as coisas elas mesmas e que elas são aquilo que vemos, assim não percebemos as coisas somente pelo poder camuflador de nossos olhos. Nossos olhos “não são mais sujeitos da visão, passaram para o número das coisas vistas, e o que chamamos visão faz parte da potência de pensar que atesta que esta aparência respondeu, segundo uma regra, aos movimentos de nossos olhos” (VI, p. 50). É certo que a percepção é o “pensamento de perceber quando é plena ou atual” (VI, p. 50). Somente assim a percepção alcança a própria coisa, sem contradição porque é completamente um feito nosso como todos os nossos pensamentos também o são. O que pensamos ver, ou seja, a coisa ela mesma é um *cogitatum* ou *noema*. A percepção é a convicção de que há alguma coisa existente no mundo.

Todavia, não basta afirmar que há um mundo, é necessário antes de qualquer coisa desfazê-lo para refazê-lo, não como uma forma de pensamento puro, mas como uma freqüentação do mundo, compreendendo-o de dentro, como fé perceptiva. É claro que a fé perceptiva é, a um só tempo, uma combinação de dogmatismo e de ceticismo assentados em dúvida pelo pensamento reflexivo. Deste modo, podemos dizer com Merleau-Ponty, que o “real se transforma no correlativo do pensamento, e o imaginário é, no interior do mesmo domínio, o círculo estreito dos objetos de pensamento

¹² Devemos submeter o imaginário a uma “analyse parallèle, et l’on s’apercevra que la pensée dont il est fait n’est pas, en ce sens précis, pensée de voir ou de sentir, que c’est plutôt le parti pris de ne pas appliquer, et même d’oublier les critères de vérification, et de prendre comme bon ce qui n’est pas vu et ne saurait l’être” (VI, p. 50).

pensados pela metade, meio objetos ou fantasmas que não possuem consistência alguma” (VI, p. 50). O que fica entre o pensamento e o que ele pensa é justamente uma camada fina de impensado, eles são coextensivos ao ser, isto significa que aqui não existe o problema da encarnação.

Sabemos que a reflexão guarda tudo que a fé perceptiva acredita ter entendido: a convicção de que existe alguma coisa, que há o mundo. A convicção de ter descoberto a cristalinidade do que penso para mim que o penso, de transformar o pensamento do mundo como sendo a idéia verdadeiramente dada. O movimento reflexionante transforma o sujeito encarnado em um sujeito transcendental e a realidade do mundo em uma realidade feita através de uma idealidade. Para o movimento reflexionante o mundo é o objeto de todos nossos pensamentos, sua unidade é ideal ou de significação. Merleau-Ponty percebe que esse tipo de pensamento sempre será persuasivo, pelo fato de que ele se impõe, é a própria verdade, não admite paradoxo nos problemas colocados pela fé perceptiva. No movimento reflexionante, note-se, que minha percepção não é evidente como sendo a percepção do mundo. Só existe um comércio entre minha percepção e a percepção do mundo se interrogo o mundo, mas essa interrogação somente é compreendida de dentro, devo encontrar as razões que me persuadem a ver o mundo, isto é, entender o mundo como um ato de adequação do pensamento ao pensamento ou sob a forma de pensamento do mundo¹³.

A chave para compreender o segredo do mundo é, antes de tudo, desvelar o comércio que há entre o mundo e nós, e não

¹³ “Moi qui suis au monde, de qui apprendrais-je ce que c’est qu’être au monde, sinon de moi, et comment pourrais-je dire que je suis au monde si je ne le savais? Sans même présumer que je sache tout de moi-même, il est certain du moins que je suis, entre autres choses, savoir, cet attribut m’appartient assurément, même si j’en ai d’autres” (VI, p. 53). O mundo não pode ser compreendido como uma visão exercida de fora, mas deve ser entendida por uma intra-ontologia, uma relação de um Ser englobante-englobado, por um Ser vertical e ao mesmo tempo por um Ser dimensional. O mundo é antes de tudo uma relação de dimensionalidade entre ele e nós.

conceber que o mundo brota em nós ou nós no mundo: o mundo não é simplesmente uma imaginação do movimento reflexionante. O que continuamente, acreditamos, fará do movimento reflexionante, de tudo o que vivemos, enquanto vivemos uma explicação relativa ao mundo, uma relação exterior entre um mundo em si e em nós mesmos. Essa relação será concebida como um procedimento “do tipo daqueles que se desenvolvem no interior do mundo, que se imagina como uma intrusão do mundo em mim ou, ao contrário, como alguma viagem de meu olhar por entre as coisas” (VI, p. 53).

Existe um vínculo natal entre o que percebo e o que é concebido, e essa liga, vista pelo movimento reflexionante, nos insere hipóteses que, se não observadas, desfazem essa liga original com o mundo para logo constituí-lo, para logo fabricá-lo. Devemos seguramente abandonar a idéia de uma relação exterior do percebedor e do percebido, tal qual deseja o movimento reflexionante? Devemos com certeza ultrapassar a antítese da imanência, seja ela ideal, seja espiritual, e pronunciar que eu que percebo que sou um puro pensamento de perceber e o mundo percebido é unicamente coisa pensada, tal qual acredita o movimento reflexionante? A fé perceptiva e o movimento reflexionante buscam compreender nas suas profundidades¹⁴, em estilos que não são o únicos possíveis, uma inspiração para revelar as convicções entre um e o outro. O movimento reflexionante procura ultrapassar as experiências do sentir, do falar e da visão, ele recoloca, aquém de nossa situação de fato, um esforço grandioso, para refazer, partindo da reflexão, um caminho que conquiste explicitamente aquilo que somos.

A partir da reflexão, o movimento reflexionante compreende

¹⁴ A profundidade é compreendida como dimensão do oculto por excelência, visto que toda dimensão pertence ao oculto. Para Merleau-Ponty é necessário que exista profundidade, sem ela não posso contornar o meu olhar sobre as coisas. Profundidade é atrás, aquilo que está oculto. É preciso que exista um ponto de onde eu posso ver, um lugar onde o mundo me rodeia: “la profondeur m’est ouverte, parce que j’ai cette dimension pour y déplacer mon regard, cette ouverture-là” (VI, p. 273), ou ainda, “le regard ne vaine pas la profondeur, il la tourne” (VI, p. 273).

que o mundo somente é “nosso lugar natal porque somos, de início, como espíritos, o berço do mundo” (VI, p. 54)¹⁵. As experiências do falar, da visão e do sentir são, de fato, momentos confusos, mutilados ou ingênuos, que falham na tarefa de ligar as coisas ao mundo. Isso, acredita o movimento reflexionante, já que para este desdobra-se em uma direção de radicalismo, recuperando todas as falhas da fé perceptiva, mas esquecendo de esclarecer o seu próprio papel. O radicalismo tem seu ponto cego, ele fundamenta sua visão no olho do espírito, sendo espírito, “não o pode ignorar nem tratá-lo como simples estado de não-visão, que não exige nenhuma menção particular, o próprio ato de reflexão que é *quoad nos* seu ato de nascimento” (VI, p. 55)¹⁶.

O grande esforço do movimento reflexionante é, sem dúvida, o de querer fundar o mundo existente através do pensamento do mundo. Essa reflexão busca revelar a cada momento a presença prévia do mundo, sem liga, unicamente pela sua estrutura de pensamento, à qual empresta toda sua energia para compreender os mistérios que nos rodeiam. Vejamos, por exemplo, o pensamento de Kant pela afirmação *se um mundo deve ser possível*. Kant, afirma Merleau-Ponty, através desse pensamento enfatiza “que seu fio condutor é dado pela imagem irrefletida do mundo, que a necessidade dos passos reflexionantes está suspensa da hipótese mundo e que o pensamento do mundo” (VI, p. 56), compreendido pela Analítica está incumbido de desvendar, “não é tanto o fundamento como a expressão segunda do fato de que houve para mim a experiência de um mundo” (VI, p. 56), mas é por um convite

¹⁵ Quando Merleau-Ponty fala no lugar natal, ele nos afirma que esse lugar é o solo do nosso pensamento, da nossa vida. O lugar natal é o meio originário no qual o homem vive e reencontra as próprias coisas. O lugar natal é o solo invisível que desvela a relação sujeito-mundo, ela toma possível a redescoberta do espírito bruto na juntura e na membrura do ser que se “consume através do homem”. Conferir a obra de Merleau-Ponty: *Signes*.

¹⁶ “Si elle ne s’ignore pas, - ce qui serait contre la définition -, elle ne peut feindre de dérouler le même fil que l’esprit d’abord aurait roulé, d’être l’esprit qui revient à soi en moi, quand c’est moi par définition qui réfléchis” (VI, p. 55).

misterioso e constante do que é possível e do impossível que o movimento reflexionante “pode ter a ilusão de ser retorno a si e instalar-se na imanência” (VI, p. 56), nosso poder de retorno em nós mede-se pelo poder de sair de nós, já que eles são justamente o mesmo movimento.

Segundo Merleau-Ponty, toda análise reflexionante é ingênua. Ela é ingênua porque disfarça o contato mais íntimo que temos com o mundo, para revelar o mundo como pré-constituído. Isso significa que o movimento reflexionante parte de um ambiente do irrefletido. Se o pensamento reflexivo parte do irrefletido¹⁷ é porque ele precisa de um começo para tomar posse do mundo, pois o “universo do pensamento que se abre pela reflexão contém tudo o que é preciso para explicar o pensamento mutilado do início, a escada que se recolhe depois de ter subido” (VI, p. 56). Bom, se isso é verdade não existe mais pensamento reflexionante, pois não há mais natural ou derivado, o que existe de fato é um movimento em círculo, no qual “reflexão e irrefletido estão numa relação recíproca, senão simétrica, e onde o fim está no começo como o começo no fim” (VI, p. 56-57). É preciso entender que não se trata de pôr a fé perceptiva no lugar da reflexão, mas de atravessar os mistérios que comportam reenvio de uma à outra. O que devemos buscar não é um “mundo maciço e opaco ou um universo do pensamento adequado; mas uma reflexão que retorna sobre a espessura do mundo para iluminá-la mas que, em seguida, lhe devolve somente a sua própria luz” (VI, p. 57).

Se for verdade que a reflexão envolve a espessura do mundo para clarificá-lo, e ao mesmo tempo, para alargá-lo à sua própria luz,

¹⁷ O movimento reflexionante compreende que a reflexão como ato de refletir tem que revelar um irrefletido que está à distância, um irrefletido que era e que agora não é, ou seja, a reflexão não só revela o irrefletido, mas ela o transforma nem que seja em sua verdade. É preciso entender que não é o irrefletido “qui conteste la réflexion, c’est la réflexion qui se conteste elle-même, parce que son effort de reprise, de possession, d’intériorisation ou d’immanence n’a par définition de sens qu’à l’égard d’un terme déjà donné, et qui se retire dans sa transcendance sous le regard même qui va l’y chercher” (S, p. 263).

não poderemos, unicamente, sair das dificuldades que me coloca a fé perceptiva; recorrendo exclusivamente à minha experiência do mundo. Essa mistura que temos com o mundo se dá a cada manhã, a cada abrir de olhos, a vida perceptiva pulsa constantemente entre o mundo e nós. Não há, aqui, uma relação de totalidade e nem um arrolamento surdo com as coisas, mas uma iniciação de comércio na qual repousa a nossa freqüentação com o mundo. Essa relação Merleau-Ponty chama de abertura ao mundo, não desvenda todo nosso trato com o mundo. O movimento reflexionante acredita que o mundo é o que penso dele e não o que vivo. O esforço reflexivo deixa escapar o contato mais íntimo que temos com o mundo.

Através das experiências do ver, do sentir e do falar no visível e o sensível em que essas experiências se laçam, não nos permitem simplesmente reduzir a percepção ao pensamento de perceber, tal qual compreende o pensamento reflexivo. Devemos circunscrever, do lado delas e a partir do qual estou sempre em contato, em comunicação com o mundo. Pois compreendê-las é retirar significações que visam a explicitação e o lado visível que cativa tanto na coisa quanto no mundo. E o movimento reflexionante e, também, a fé perceptiva são mais e menos que saberes absolutos, em busca de verdade eterna; mais, porque somente no vínculo de um no outro, o movimento reflexionante e a fé perceptiva nos dizem o que desejam dizer, menos, porque essa relação cai num abismo radical, já que cada um procura, a seu modo, separados, um mundo à parte, que não freqüentamos. A tarefa da Filosofia é sem dúvida envolver a visão bruta e selvagem para desvelá-la para a ordem do dito, em que ela abre as significações que percorrem nas coisas e no mundo.

Não cabe, então, fundar as experiências do ver e do sentir em pensamentos de ver e de sentir. Não podemos restringir a percepção ao pensamento de perceber, simplesmente para afirmar que essa redução seja mais segura na estrutura da imanência, ou um lugar seguro contra a dúvida do mundo efetivo. Merleau-Ponty assegura que a dúvida é um lugar de dilaceramento e de obscuridade, e nada pode ser apreendido nesse estado, já que

estando no limite da dúvida, já estou encarcerado sem a possibilidade de asseverar que *há* o mundo¹⁸. É pela fé perceptiva, através do meu corpo, que asseguro a abertura inicial para o mundo as relações intramundanas entre meu corpo e as coisas. A fé perceptiva não procura um *homenzinho dentro do homem*¹⁹, mas investiga o *logos* do ser bruto e selvagem no irrefletido, que não é esquecimento da reflexão, mas uma espécie de *sobre-reflexão*.

É necessário iniciarmos uma nova maneira de interrogar o vínculo entre as coisas e nós e que não seja pelo movimento reflexionante. Essa investigação deve ser mais essencial que o movimento reflexionante, pois ela deve levar em conta a percepção bruta, sem querer aniquilar a fé no mundo, sem perder de vista a coisa mantendo os laços orgânicos da percepção e da coisa percebida. Essa nova operação é chamada de *sobre-reflexão*, e é uma intervenção que deve envolver o mundo, mergulhar no mundo, e assim ao invés de querer dominá-lo, deve interrogar o mundo e fazer, enfim, dizer o “que em seu silêncio *ele quer dizer*” (VI, p. 61).

Para Merleau-Ponty, não “sabemos nem o que é exatamente essa ordem e essa concordância do mundo às quais assim nos entregamos nem, portanto, no que a empresa resultará, nem mesmo se é verdadeiramente possível” (VI, p. 61-62). Mas, é certo que escolher entre a fé no mundo e o discurso dogmatizado do movimento reflexionante é conjecturar onde começa a verdadeira Filosofia e onde ela termina. Com certeza, a Filosofia finaliza onde

¹⁸ “Le doute n’est qu’un état de déchirement et d’obscurité, et alors il ne m’apprend rien, - ou, s’il m’apprend quelque chose, c’est qu’il est délibéré, militant, systématique, et alors il est un acte, et alors, même si dans la suite sa propre existence s’impose à moi comme une limite au doute, comme un quelque chose qui n’est pas rien, ce quelque chose est de l’ordre des actes, où je suis désormais enfermé” (VI, p. 59).

¹⁹ Numa Nota de trabalho de setembro de 1959 Merleau-Ponty escreve sobre essa questão: O importante é “critiquer le petit homme qui est dans l’homme, - la perception comme connaissance d’un ob-jet, - retrouver l’homme enfin face à face avec le monde même, retrouver le présent pré-intentionnel, - c’est retrouver cette vision des origines, ce qui se voit en nous, comme la poésie retrouve ce qui s’articule en nous, à insu” (VI, p. 261).

o dogmatismo começa, somos incapazes de compreender a nossa própria obscuridade, cujo ponto de chegada é de um radicalismo teórico.

O movimento reflexionante transforma o sujeito em pensamento e, ao mesmo tempo, torna impensáveis as relações com os outros sujeitos no mundo e, também, altera a percepção para representação. Asseverar que a percepção é uma inspeção do espírito é defini-la, “não pelo que ela nos dá, mas pelo que nela *resiste* à hipótese de *inexistência*, é identificar de imediato o positivo como uma negação da negação” (VI, p. 62), é restringir o verdadeiro ao provável, o real ao aceitável²⁰.

Quando afirmamos que o real é aceitável, queremos dizer que não é necessário determina-lo por sua coerência: uma vez que o real é coerente e provável por ser real e não, real por ser coerente. O movimento reflexionante não confunde o falso com uma verdade fragmentada. O engano do movimento reflexionante é fazer como se o fragmentado fosse a ausência da totalidade e que não tivesse necessidade de consistência, visto que há uma adequação às razões nas quais coincidem. A abertura de minha percepção ao mundo pode proceder de uma pré-posse do mundo, e não de um simples jogo das leis da união da alma e do corpo, compreendidos, estes, através de um mistério enigmático: “num ser para quem o verdadeiro está no fim de uma inclinação natural, conforme o sistema preestabelecido segundo o qual funciona o espírito, e não a *verdade*, conformidade de si a si, luz” (VI, p. 66).

A falha do movimento reflexionante que não revela o

²⁰ Para Merleau-Ponty “le simple fait, souvent remarqué, que l’imagination la plus vraisemblable, la plus conforme au contexte de l’expérience ne nous avance pas d’un pas vers la réalité et est immédiatement mise par nous au compte de l’imaginaire, et qu’inversement, tel bruit absolument inattendu et imprévisible est d’emblée perçu comme réel, si faibles que soient ses liens avec le contexte, impose l’idée qu’il s’agit, avec le réel et l’imaginaire, de deux ordres, deux scènes ou deux théâtres, - celui de l’espace et celui des fantômes -, montés en nous avant les actes de discrimination qui n’interviennent que dans les cas équivoques, et où ce que nous vivons vient s’installer de soi hors de tout contrôle critériologique” (VI, p. 62).

extremo de suas próprias interrogações, define todos os postulados do pensamento, acrescenta as leis às coisas e determina uma ordem das coisas como sendo uma verdade absoluta e que só obedece às regras exteriores. Aí reside a noção solidária de uma Filosofia que tenta explicar o ser e a verdade, mas não elucida o mundo; ou de uma Filosofia que explica o mundo, mas nos tira do ser e da verdade. O movimento reflexionante puramente supriu o mundo pelo ser pensado, e nisso reside um ponto fundamental: é preciso colocar em parêntesis a análise reflexionante. O que Merleau-Ponty deseja não é unicamente deter o movimento reflexionante, já que partimos dele²¹. É preciso, sempre, reafirmar que não podemos simplesmente transformar o mundo em noema e nem deformar o sujeito da reflexão como sendo um pensamento puro. Em outras palavras, que eu seja como pensamento, aquele que executa o ajuntamento das aparências sob as quais o objeto se apresenta, e sua síntese num objeto.

A reflexão parte de nossa experiência do mundo para remontar um sujeito como condição de possibilidade, sendo aí distinta do ponto de partida, e ainda para entrar na nossa experiência. Podemos dizer que a reflexão não altera a percepção, ela unicamente restringir-se-ia a “liberar o que, desde logo, constituía o conjunto de seus membros ou a juntura, e que a coisa percebida, se não é nada, é o conjunto das operações de ligação que a reflexão enumera e explicita” (VI, p. 68). O movimento reflexionante metamorfoseia o mundo efetivo, transformando-o num campo transcendental, ao afirmar o mundo efetivo como pensamento, repõe a fé perceptiva fora da origem de um espetáculo que não podemos desvelar em sua profundidade²², isto significa que

²¹ “Ce que nous proposons, ce n’est pas d’arrêter la philosophie réflexive après avoir pris le départ comme elle, - c’est bien impossible, et, à tout prendre, une philosophie de la réflexion totale nous semble aller plus loin, ne serait-ce qu’en cernant ce qui, dans notre expérience, lui résiste – ce que nous proposons c’est de prendre un autre départ” (VI, p. 67).

²² Através da profundidade as coisas permanecem nítidas, sem ela não haveria um mundo, ou Ser. Merleau-Ponty escreve que “la profondeur est le moyen qu’ont les

pelo movimento reflexionante, o *eu*, que até o momento estava perdido em suas percepções, se reencontra, nas percepções como pensamentos.

O movimento reflexionante é um estilo filosófico inexpugnável porque todo empecilho e toda oposição em relação à sua maneira de instalar-se nas coisas e no mundo são abordados como um ingênuo estado de não pensamento ou, então, são tratados como uma abertura no tecido contínuo dos atos de pensamentos, uma abertura incompreensível, “mas da qual nada se pode dizer, porquanto, literalmente, não é *nada*” (VI, p. 68). É dizer ainda, que o movimento reflexionante, no seu ato inaugural, oculta-se por meio de uma decisão de duplo jogo, que, uma vez desvendada, quita sua evidência aparente. Mas, uma vez instalado na aparência, o movimento reflexionante se apresenta numa atitude inexpugnável, tornando-se uma fissura dos atos de pensamentos.

É fundamental que o movimento reflexionante parta de uma situação de fato, visto que a análise reflexionante busca, de imediato, uma idéia verdadeira e uma adequação interna com aquilo que penso. É mais ainda, para o “pensamento como ato do mundo, ser-lhe-ia preciso suspender todo ‘eu penso’ de um ‘eu penso que penso’ e este de um ‘eu penso que penso que penso’, e assim por diante” (VI, p. 69). A investigação do movimento reflexionante procura desvendar as condições de possibilidade que são, por princípio, posteriores a uma experiência atual e nunca poderá envolver de fato o que funda, positivamente, tal experiência, isto é, que jamais o movimento reflexionante traduz ou possa exprimir a experiência total, é necessário que ele perceba que há um

choses de rester nettes, de rester choses, tout en n'étant pas ce que je regarde actuellement. C'est la dimension par excellence du simultané. Sans elle, il n'y aurait pas un monde ou de l'Être, il n'y aurait qu'une zone mobile de netteté qui ne pourrait se porter ici sans quitter tout le reste, - et une synthèse de ces vues. Au lieu que, par la profondeur, elles coexistent de proche en proche, elles glissent l'une dans l'autre et s'intègrent. C'est donc elle qui fait que les choses ont une chair: c'est-à-dire opposent à mon inspection des obstacles, une résistance qui est précisément leur réalité, leur ouverture” (VI, p. 272-273).

entrelaçamento de minha vida com as outras vidas, das coisas com o mundo.

O movimento reflexionante, na tentativa de compreender o espetáculo do mundo, exclui a efetividade de nossas percepções e de nossa percepção do mundo, que atribui suas essências, propõe que abandonemos o fluir concreto de nossa vida. O movimento reflexionante, para considerar um entrelaçamento do mundo com o espírito e do espírito com o mundo, de meu corpo com as coisas, do meu campo perceptivo com o de outros ou da mistura de minha duração com as outras durações, estabelece uma nova fundamentação, exige uma *sobre-reflexão*. Esta é a situação total que uma nova interrogação deve explicar, que só é possível pela dupla polaridade do movimento reflexionante, que transforma o apelo ao interior em uma recusa aquém do mundo²³, conduzindo a fé no mundo para as coisas ditas como *explicitação*, o que é uma transformação sem retorno, já que ela repousa sobre si e sobre a fé perceptiva de que ela pretende nos dar o teor e a medida. O movimento reflexionante, fundado na abertura do mundo pela percepção, reivindica para si uma nova freqüentação ingênua do mundo que concebe, de maneira diferente, as noções do Ser-sujeito e do próprio-Ser no horizonte do mundo. O que sustém a nervura do movimento reflexionante é o apelo ao interior, por dentro, do fundo de sua carne. O pensamento, compreendido como idéia é a textura da experiência; seu estilo, inicialmente silencioso, mas, em seguida, proferido, elaborado na espessura do Ser.

Sendo assim, a fé perceptiva mantém a persuasão de que há qualquer coisa, que existe o mundo. É essa bárbara convicção de ir às coisas mesmas que é inconciliável com o pensamento puro

²³ “La question de savoir si le monde est unique pour tous les sujets perd toute signification lorsqu’on a admis l’idéaliété du monde; demander si mon monde et celui d’autrui sont le même numériquement ou spécifiquement ne veut plus rien dire, puisque, comme structure intelligible, le monde est toujours par-delà mes pensées comme événements, mais aussi par-delà celles des autres, de sorte qu’il n’est pas divisé par la connaissance que nous en prenons, et pas non plus unique au sens où chacun de nous est unique” (VI, p. 72).

porque a existência bruta e selvagem do mundo está além do consentimento do pensamento ao pensamento ou do mero símbolo de um ser que se transforma em espírito. A fé perceptiva deve ser entendida, não somente pelas condições físicas ou fisiológicas “que delimitam percepção para um sábio” (VI, p. 209), nem das teorias de uma filosofia sensualista ou empirista, mas a fé perceptiva deve abarcar tudo o que se oferece ao homem ingênuo, no original de uma experiência matriz. É preciso compreender que a fé perceptiva é inaugural e presente pessoalmente, e trata de “coisas percebidas no sentido ordinário da palavra ou de sua iniciação no passado, no imaginário, na linguagem, na verdade predicativa da ciência, nas obras de arte, nos outros ou na história” (VI, p. 210). Ela é a experiência silenciosa que traz a expressão pura de seu próprio sentido às próprias coisas. Merleau-Ponty revela um mundo bruto e selvagem, quando diz que o mundo não é somente um conceito de pensamento de sobrevôo ou de um pensamento absoluto, no qual as questões se perdem em si mesmas, mas pelo contrário, ele está em pé, diante de nós. Para ele o mundo “não é o que penso, mas o que vivo, eu estou aberto ao mundo, eu comunico-me indubitavelmente com ele, mas eu não o possuo, ele é inesgotável” (PhP, p. XII). Por isso, cabe a Filosofia reaprender a ver o mundo como estado nascente.

Conclusão

A filosofia achou ter desvelado todos os mistérios e contradições da fé perceptiva, ao realizar uma intervenção que lhe pareceu ser verdadeira, afirmando o que “nossa vida subentende” (VI, p. 75). No entanto, a intervenção mostrou-se artificiosa pelo simples fato de compreender a fé perceptiva, essa operação levou a fé perceptiva a ser uma “crença entre outras, fundada, como qualquer outra, sobre razões – as razões que temos para pensar que *há* um mundo” (VI, p. 75). É claro que as razões nunca nos impelem a abdicar da própria evidência perceptiva, já que no caso da percepção, o acabamento “vem antes das razões, que só estão aí para manter o lugar e socorrê-la quando abalada” (VI, p. 75). E que ela, ao se embarçar com as

razões, nos força a acolher a afirmação de que a fé perceptiva, ininterruptamente, é “resistência à dúvida, e o positivo, negação da negação” (VI, p. 75). Pelo pensamento puro, visto pelo interior, transforma o apelo puro, como uma recusa a quem do mundo, conduz a fé no mundo para as coisas ditas como *explicitação*, que é uma “transformação sem retorno, repousa sobre ela-mesma, sobre a fé perceptiva de que ela pretende nos dar o teor e a medida” (VI, p. 75-76).

Isto leva a assegurar que creio no mundo e nas coisas, e ao mesmo tempo, tenho fé na ordem e na vinculação de meus pensamentos. Somos, então, induzidos a buscar, sob o próprio pensamento puro e, também, *diante* do filósofo ingênuo, as interrogações ou razões para confiar em nossos próprios pensamentos e não nas coisas ou no mundo. Essa estrutura de pensamento edificado na abertura do mundo pela percepção, reivindica para si uma nova freqüentação comum do mundo, e arquiteta, de maneira diferente, as noções do Ser-sujeito e do próprio-Ser no horizonte do mundo. Mas, essa maneira corre o risco de cair no vício do pensamento puro, em transformar a abertura do mundo em simples consentimento de seu reflexo ou alterar-se a fé perceptiva em atos e “atitudes de um sujeito que não participa do mundo” (VI, p. 76).

Se quisermos buscar, para nós, o mundo, as coisas, na sua abertura inicial, transcendente, veremos que a própria coisa repousa sobre si mesma, e ao mesmo tempo, ela é, categoricamente, estranha a toda interioridade, sem qualquer potência, já que a coisa é, absolutamente, em ato. É preciso, para entender a abertura do mundo, esvaziar o Ser-sujeito “de todos os fantasmas de que a filosofia o entulhou” (VI, p. 77). Assim, depois de desembaraçar-me dos entulhos, cabe-me assegurar o meu acesso às próprias coisas, e isso é possível na medida em que purificamos a noção de subjetividade²⁴. Segundo Merleau-Ponty, não existe nem mesmo

²⁴ No ensaio *Partout et nulle part* publicado em *Signes* (1960), Merleau-Ponty afirma que há duas idéias sobre a subjetividade. A primeira a da subjetividade vazia, desligada, universal e a segunda a da subjetividade plena, insinuada no

subjetividade ou Ego, ou seja, a “consciência não tem habitante” (VI, p. 77), por isso devemos nos libertar das “apercepções segundas que fazem dela o avesso de um corpo” (VI, p. 77), para que possamos desvelar a plenitude do mundo.

Referências bibliográficas

- MERLEAU-PONTY, Maurice. *La structure du comportement*. Paris: PUF, 1942.
- _____. *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard, 1945.
- _____. *Le visible et l'invisible*. Paris: Gallimard, 1964.
- _____. *L'oeil et l'esprit*. Paris: Gallimard, 1964.
- _____. *Signes*. Paris: Gallimard, 1960.
- _____. *Notes inédites de la Bibliothèque Nationale pour Le Visible et l'Invisible*. Transcription par Renaud Barbaras. s/d.
- BONAN, Ronald. *Qu'est-ce qu'une philosophie de la science?* Commentaire de l'article de Maurice Merleau-Ponty “Einstein ou la crise de la raison”. Préface de Renaud Bárbaras. Dijon-Quetigny: Darantiere, 1997.

mundo. Merleau-Ponty diz que existe uma certa discordância entre os filósofos sobre essa questão. A discordância decorre do fato de que a subjetividade não é nem coisa e nem substância, “mais l'extrémité du particulier comme de l'universel, à ce qu'elle est Protée. Les philosophies suivent tant bien que mal ses métamorphoses, et sous leurs divergences, c'est cette dialectique qui se cache. Il n'y a, au fond, que deux idées de la subjectivité: celle de la subjectivité vide, déliée, universelle, et celle de la subjectivité pleine, enlisée dans le monde, et c'est la même idée, comme on le voit bien chez Sartre, l'idée du néant qui vient au monde, qui boit le monde, qui a besoin du monde pour être quoi que ce soit, même néant, et qui, dans le sacrifice qu'il fait de lui-même à l'être, reste étranger au monde” (S, p. 250).